

RELAÇÕES RETÓRICAS EM TEXTOS: A CONTRIBUIÇÃO DO ASPECTO

FÁTIMA OLIVEIRA

(Faculdade de Letras da Universidade do Porto /
Centro de Linguística da Universidade do Porto¹)

LUÍS FILIPE CUNHA²

(Centro de Linguística da Universidade do Porto)

PURIFICAÇÃO SILVANO³

(Centro de Linguística da Universidade do Porto)

ABSTRACT: This paper aims at investigating how the rhetorical relations are inferred in a literary text and what is the role of aspect in the process of inference. With respect to the first point, it will be argued that the analysis of the text requires the consideration of two levels of representation as far as rhetorical relations are concerned: the rhetorical relations at a macro-structural level and the rhetorical relations at a micro-structural level. Regarding the second point, the claim is that the integration of the aspectual characteristics of the situations in the postulates on rhetorical relations can greatly improve the process of inference and contribute to a better understanding of the rhetorical relations. The adopted theoretical framework is the Segmented Discourse Representation Theory (Asher and Lascarides, 2003).

KEYWORDS: semantics; rhetorical relations; aspect; text.

1. Apresentação do problema

No domínio da coesão textual, a coesão gramatical ao nível inter-frásico e ao nível textual tem sido objecto de estudos interessantes com descobertas relevantes. Uma dessas descobertas relaciona-se com a introdução da noção de relações retóricas para explicar as relações de sentido entre unidades discursivas (cf. Hobbs, 1985; Mann e Thompson, 1988, Asher e Lascarides, 2003, e.o.).

¹ O Centro de Linguística da Universidade do Porto é uma Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Programa FEDER/POCTI – U0022/2003).

² Trabalho financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Programa POCI 2010.

³ Trabalho financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Programa POCI 2010.

As diferentes teorias que propõem uma análise da estrutura retórica do discurso, como a *Rhetorical Structure Theory* (RST, doravante) (Mann e Thompson, 1988), a *Theory of Coherence Relations* (Kehler, 2002) ou a *Segmented Discourse Representation Theory* (SDRT, doravante) (Asher e Lascarides, 2003), têm como unidades de análise ora frases simples ora orações em discursos curtos. No que diz respeito à análise da estrutura retórica de discursos de dimensão maior, os estudos disponíveis ainda são poucos. Em Português Europeu, Silva (2005) analisa sequências textuais narrativas, descritivas, argumentativas e explicativas em termos de relações retóricas, considerando que os argumentos das relações retóricas correspondem a núcleos e satélites na linha de Mann e Thompson (1988), podendo ser orações ou frases simples, em termos sintácticos.

No âmbito da análise de textos com base em relações retóricas, destaca-se ainda o *Penn Discourse Tree Bank*⁴ (PTDB, doravante) (Miltsakaki *et al.*, 2004), um *corpus* jornalístico (*Wall Street Journal*) anotado com relações retóricas. Neste *corpus*, as anotações são feitas a partir de informação lexical, mais precisamente, a partir da presença de conectores a nível oracional e frásico. O PTDB considera as relações retóricas como predicados binários, podendo o primeiro argumento localizar-se na frase que contém o conector, na frase anterior, na frase posterior, na frase não adjacente e podendo corresponder a uma frase simples, a uma frase parcial ou a um conjunto de frases. Nesta análise, no processo de computação das relações retóricas observa-se, portanto, que os argumentos constitutivos das relações retóricas podem não estar adjacentes e podem corresponder a unidades sintácticas diferentes.

Neste artigo, pretendemos verificar se estes pressupostos teóricos no que diz respeito à localização e extensão dos argumentos das relações retóricas se podem aplicar a outros tipos de textos que não sejam jornalísticos, em particular ao género narrativo conto.

Para além desta questão, interessa-nos verificar quais são os factores linguísticos relevantes no processamento das relações retóricas. Como já referimos, no PTDB a inferência das relações retóricas assenta na presença de palavras-pista. Outras análises da estrutura retórica definem as relações retóricas através de postulados de significado relacionados com os conteúdos dos argumentos que as configuram, com a intenção dos falantes (RST, por exemplo), com as restrições temporais (SDRT, por exemplo), entre outros. Embora a consideração destes postulados seja relevante no processo de inferência das relações retóricas, defendemos que as propriedades aspectuais constituem uma das fontes de informação mais relevantes na identificação das relações retóricas. Os exemplos (1) e (2) comprovam que uma das fontes de informação mais relevante na inferência das relações retóricas é, sem dúvida, o aspecto.

(1) O João jantou num restaurante chinês e foi a um bar na Ribeira.

⁴ Cf. <http://www.seas.upenn.edu/~pdtb/>.

- (2) O João jantou num restaurante chinês. Estava cheio.

Nestes exemplos, não há qualquer indicação sobre a organização temporal das situações representadas. No primeiro exemplo, estão representados dois eventos incluídos nos respectivos intervalos de localização (Kamp e Reyle, 1993) e, no segundo exemplo, deparamo-nos com um evento e um estado perspectivado no Pretérito Imperfeito. Dado que os estados se constituem, tipicamente, como situações não delimitadas, podendo iniciar-se antes e prolongar-se para além do respectivo intervalo de localização, a relação temporal com o evento com que se combinam vai ser necessariamente diferente daquela que normalmente se observa entre dois eventos (cf. o exemplo (1)). Se no primeiro caso se estabelece uma relação temporal de posterioridade, no segundo a relação é de sobreposição.

É, sobretudo, o perfil aspectual das situações que determina a relação de sucessividade em (1) e a relação de sobreposição em (2) e, em última instância, determina que a relação retórica em (1) seja a de Narração e em (2) a de Enquadramento.

Por último, procuraremos verificar se a consideração das propriedades aspectuais das situações envolvidas, em particular da distinção entre estados e eventos, tem também consequências no que diz respeito à selecção dos argumentos das relações retóricas.

Em suma, são três as questões que abordaremos neste artigo.

1. Quais são os argumentos das relações retóricas num texto literário narrativo, como o que analisamos?
2. Qual é a informação linguística a nível semântico que permite a identificação das relações retóricas?
3. Dado que um dos postulados de significado de algumas relações retóricas está associado à estrutura temporal externa das predicções que configuram os argumentos, será a estrutura temporal interna das predicções uma fonte de informação relevante?

2. Enquadramento teórico

2.1. Relações retóricas

Perante a heterogeneidade das propostas que integram as relações retóricas, torna-se necessário inscrever este artigo num quadro teórico específico. Optámos pela SDRT pelas seguintes razões:

- é uma teoria actual de interpretação do discurso no âmbito da semântica dinâmica;
- é uma teoria com fundamentos teóricos sólidos;
- resolve alguns problemas deixados sem resposta na *Discourse Representation Theory*, de Kamp e Reyle (1993);
- fornece explicações válidas para problemas semânticos relacionados com a estrutura temporal do discurso;

- incorpora contributos de outras áreas, como a Pragmática, essenciais à interpretação do discurso;

Os pressupostos teóricos desta teoria incluem a computação de diferentes fontes de informação no processamento das relações retóricas, a saber: a semântica lexical e composicional, o conhecimento do mundo e o estado cognitivo dos falantes. Todas estas fontes interagem em módulos ligados entre si. A partir desta informação e tendo em conta princípios como o da *Maximização da Coerência Discursiva*, as relações retóricas são inferidas, estabelecendo, assim, uma ligação entre os sentidos dos conteúdos proposicionais dos enunciados.

Neste artigo, assumiremos como fontes de informação as três primeiras, dado que a terceira implicaria a consideração de pressupostos de outras áreas que não cabem neste artigo. Para além disso, não apresentaremos a formalização do processo de inferência, mas apenas a representação, ainda que não completa, dos discursos em *Segmented Discourse Representation Structures* (SDRSs).

Quanto às relações retóricas, apresentamos apenas as descrições informais das relações relevantes para esta análise⁵ no quadro I.

| Designação da relação retórica | Definição da relação retórica |
|---------------------------------------|--|
| Narração | Esta relação ocorre quando os argumentos expressam eventualidades que ocorrem na sequência em que são descritas. |
| Enquadramento | Esta relação ocorre quando um dos argumentos fornece informação sobre o estado de coisas circundante em que a eventualidade mencionada no outro constituinte ocorre. |
| Continuação | Esta relação ocorre quando os argumentos desenvolvem um mesmo tópico. É como a Narração, mas sem as consequências espaço-temporais. |
| Evidência | Esta relação ocorre quando um dos argumentos fornece prova do que é dito no outro constituinte. |
| Elaboração | Esta relação ocorre quando um dos argumentos é uma parte mereológica da eventualidade expressa no primeiro argumento. |
| Contraste | Esta relação ocorre quando um argumento exprime uma eventualidade que se opõe à eventualidade representada pelo outro argumento. |

Quadro I. Definição das relações retóricas usadas no artigo

⁵ Deixaremos por analisar as predicacões com valor modal ou condicional, na medida em que inscrevem as relações retóricas no domínio da não factualidade.

2.2. O Aspecto nas Relações Retóricas

No que diz respeito ao papel do aspecto na inferência das relações retóricas, este artigo vem no seguimento de trabalhos como Silvano (2007; 2009) e Silvano e Cunha (2009), nos quais, partindo da análise de frases complexas com orações temporais introduzidas por *quando*, se mostra que o aspecto desempenha um papel fundamental na inferência das relações retóricas.

3. Análise do excerto do conto

3.1. Os argumentos das relações retóricas num texto narrativo literário

Estabelecidos os instrumentos teóricos, analisaremos a estrutura retórica de um excerto de um conto de Sophia de Mello Breyner Andresen, “O Silêncio”⁶.

Partindo de evidência linguística, podemos identificar claramente cinco macro-proposições. Utilizamos π para designar as proposições representadas nas diferentes estruturas.

π_1 – “Era complicado (...) o dia estava pronto.” (linhas 1-16)

π_2 – “Joana atravessou (...) rosto constelado e suspenso” (linhas 17-27)

π_3 – “Joana deu lentamente a volta à sala (...) mas reconhecia.” (linhas 28-45)

π_4 – “Atravessou a sala (...) era no seu centro unidade.” (linhas 46-57)

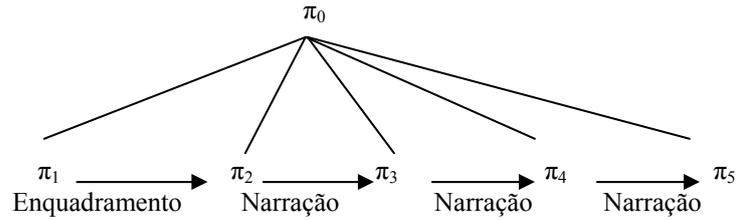
π_5 – “Debruçou-se na janela (...) os ramos do cedro.” (linhas 58-64)

Os argumentos das relações retóricas a este nível não são adjacentes, estando separados por outro material linguístico. Portanto, as relações retóricas são estabelecidas entre as proposições que iniciam cada uma das macro-estruturas.

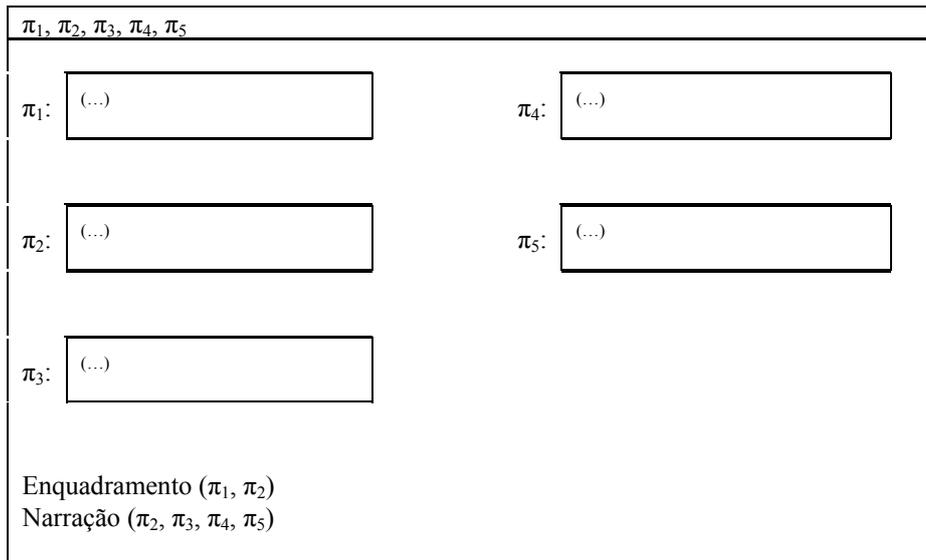
A ligação retórica entre estes argumentos assegura a sucessividade temporal que é marca das sequências de narração que configuram o texto narrativo⁷ e que não é evidente a nível micro-estrutural no texto em análise. As duas SDRSs seguintes representam a estrutura retórica deste excerto do conto a nível macro-estrutural.

⁶ Para a leitura integral do excerto deste conto, veja-se anexo 1.

⁷ Silva, 2004: 259.

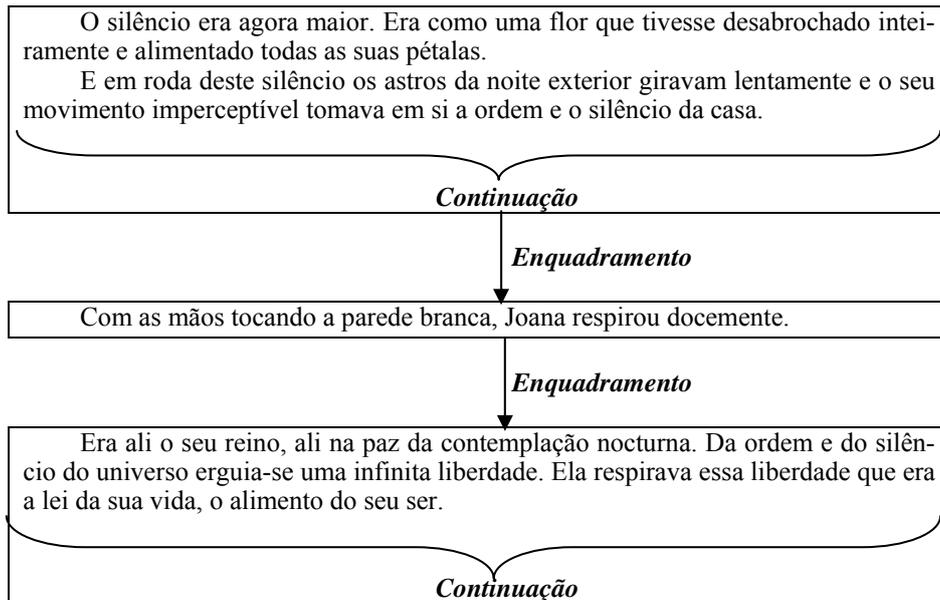


SDRS 1. Representação da estrutura retórica a nível macro-estrutural

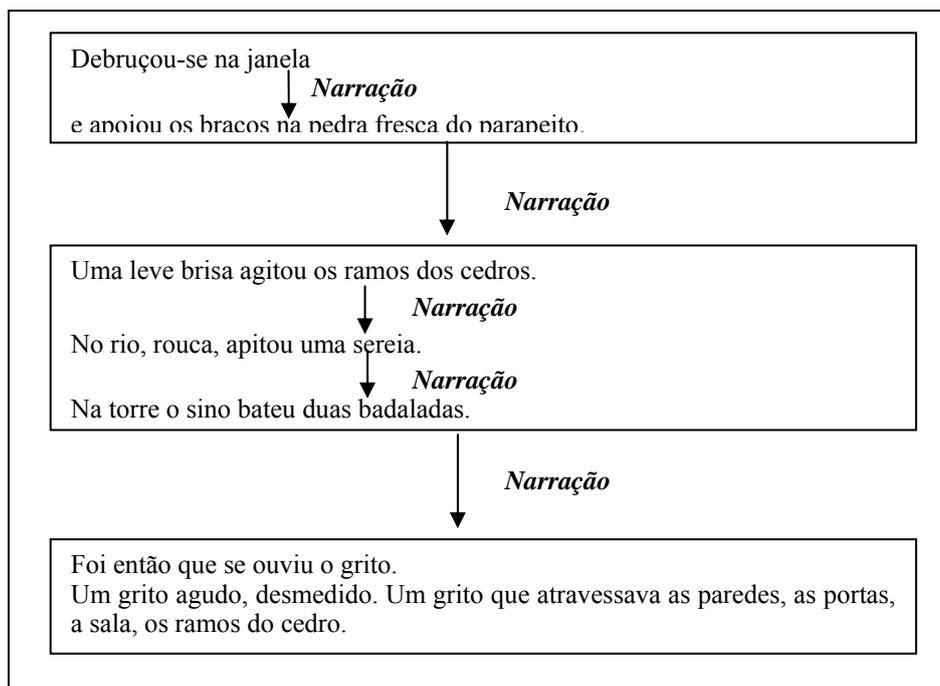


SDRS 2. Representação da estrutura retórica a nível macro-estrutural

A análise ao nível micro-estrutural revela uma estrutura retórica dominada por relações de Enquadramento e de Continuação, à excepção do último argumento, que a nível macro-estrutural se liga ao anterior por Narração e que a nível micro-estrutural se divide e sub-divide em vários blocos de sentido, e em vários argumentos também da relação de Narração. O esquema 1 exemplifica a estrutura retórica mais recorrente a nível micro-estrutural e o esquema 2 representa a excepção.



Esquema 1. Exemplificação das relações retóricas mais frequentes a nível micro-estrutural



Esquema 2. Estrutura retórica a nível micro-estrutural do último argumento a nível macro-estrutural.

A observação destes esquemas leva-nos a tecer duas observações em relação à identificação dos argumentos que constituem as relações retóricas. Parece verificar-se que os critérios subjacentes à construção de sentidos entre as proposições (e, consequentemente subjacentes à constituição dos argumentos) permitem estabelecer não só uma diferença entre o nível macro-estrutural e o nível micro-estrutural, mas também impõem diferentes níveis de relações retóricas ao nível micro-estrutural. Observe-se, por exemplo, o esquema 2. No segundo argumento da Relação de Narração (“Uma leve brisa agitou os ramos dos cedros. No rio, rouca, apitou uma sereia. Na torre o sino bateu duas badaladas.”) é possível identificar mais duas relações de Narração, e, consequentemente, mais quatro argumentos, sendo um deles comum às duas relações de Narração.

3.2. O papel do aspecto na inferência das relações retóricas

A inferência das relações retóricas aos níveis macro e micro-estrutural tem como fonte de informação principal o material linguístico. Observando o material linguístico que inicia cada uma das macro-estruturas, constatamos que, à excepção da primeira, todas se iniciam por predicacões representadas no Pretérito Perfeito, marcando cada uma delas uma ruptura em relação à anterior e uma mudança de espaço físico no espaço englobante que é a casa.

A ordenação temporal desta sequência de situações é dada em última instância pelo perfil aspectual das situações: são todas eventos o que significa que, em termos aspectuais, estão incluídas no seu intervalo de localização (‘location time’) pelo que, na ausência de um elo de interdependência semântica mais estreita, a relação de sucessividade temporal é a única disponível.

Relembrando os postulados de significado das relações retóricas, concluímos que as proposições π_2 , π_3 , π_4 e π_5 estabelecem entre si uma relação de Narração.

No entanto, esta relação não pode ligar π_2 a π_1 , dado que a relação temporal que se estabelece entre as duas não é de posterioridade, mas de sobreposição. Mais uma vez as características aspectuais das predicacões são determinantes para inferir a relação retórica certa. Neste caso, a situação representada na primeira macro-estrutura é estativa pelo que as suas fronteiras inicial e final não estão delimitadas. Para além da organização temporal determinada pelo perfil aspectual, as restantes fontes veiculam informação de que a primeira situação se constitui como o cenário em que decorre a segunda. Por isso, a relação retórica é de Enquadramento.

Ao nível da micro-estrutura, predominam estados lexicais e derivados que, devido às suas características aspectuais, impõem restrições em relação ao tipo de relações retóricas com as quais podem comparecer. Assim, a relação retórica seleccionada é preferencialmente a de Enquadramento, que postula uma relação de sobreposição temporal entre as situações representadas nos seus argumentos. Vejam-se a título exemplificativo duas ocorrências de estados que determinam a selecção da relação retórica.

- (3) Com as mãos tocando a parede branca, Joana respirou docemente. Era ali o seu reino, ali na paz da contemplação nocturna. Da ordem e do silêncio do universo erguia-se uma infinita liberdade.
- (4) Tocou o vidro, a cal, a madeira. Há muito já que cada coisa tinha encontrado ali o seu lugar.

Em (3), a primeira situação está representada no Pretérito Perfeito e as duas seguintes no Pretérito Imperfeito. Em termos de caracterização temporal, as duas últimas situações têm como Ponto de Perspectiva Temporal (Kamp e Reyle, 1993) o intervalo de tempo em que se localiza a primeira situação e sobrepõe-se a ele. Esta relação temporal é determinada pelo perfil aspectual das situações envolvidas. A predicação “era ali o seu reino” é um estado lexical perspectivado no Pretérito Imperfeito, iniciando-se antes do seu intervalo de localização e prolongando-se para além dele. Dado que a primeira situação é um evento que se localiza num intervalo de tempo delimitado, anterior ao momento de enunciação, a única relação temporal disponível é a de sobreposição temporal, ainda que parcial. A terceira frase representa também um estado, mas desta vez derivado. Neste caso, esta situação, que na sua origem é um evento, transforma-se em estado derivado devido ao uso do Pretérito Imperfeito⁸, mantendo-se, portanto, a mesma relação temporal com a situação eventiva da primeira frase.

Em (4), a situação “tinha encontrado ali o seu lugar” localiza-se no intervalo de tempo denotado pela expressão adverbial “há muito tempo”. Mas como ligá-lo retoricamente à situação “Tocou no vidro, a cal, a madeira”? Numa primeira interpretação, essa situação parece sobrepor-se à primeira situação. O Pretérito-mais-que-perfeito estabelece um estado conseqüente para situações que envolvem culminações⁹, como é o caso de “encontrar o seu lugar” (uma *culminação* na tipologia de Moens e Steedman, 1988). Ao considerarmos que a relação temporal que a segunda situação estabelece com a primeira é de sobreposição, estamos a perspectivar o seu estado conseqüente. Mais uma vez as propriedades aspectuais das situações envolvidas interferem no processamento da relação retórica, que, neste caso, é novamente a de Enquadramento.

O exemplo (5) apresenta-se mais complexo.

- (5) Joana atravessou devagar a sua casa. Ia abrindo e fechando as portas, abrindo e fechando as luzes. Os quartos desapareciam no escuro e surgiam do escuro na claridade.

Neste segmento textual, as situações representadas na segunda frase (“abrir e fechar as portas”) são culminações iteradas, sendo a iteração desen-

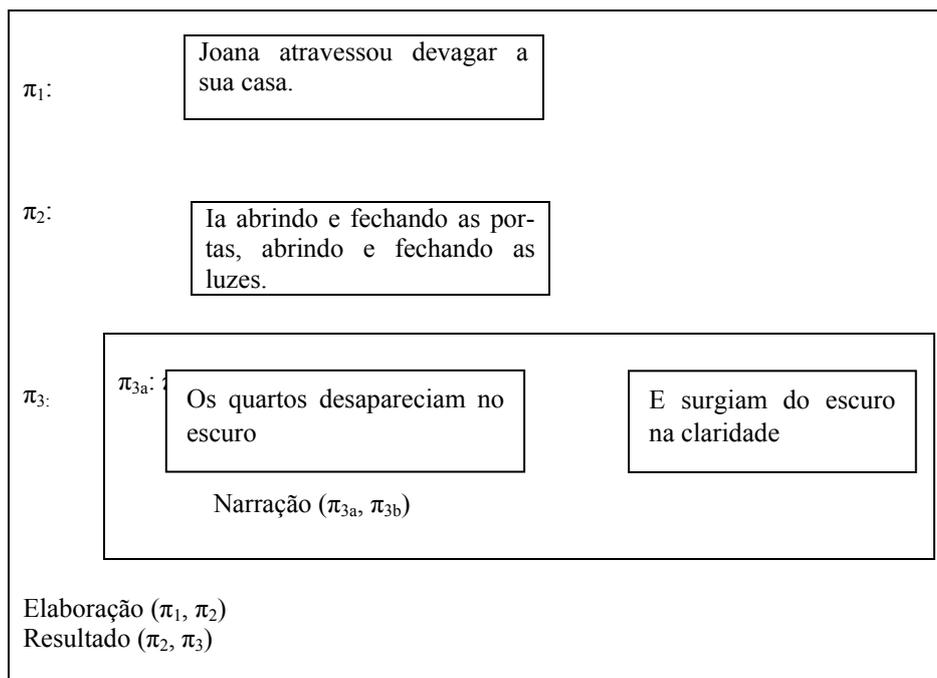
⁸ Cf. Oliveira, 2003, 2004 e Cunha, 2004.

⁹ Cf. Macário Lopes, 1997 e Oliveira, 2003.

cadeada, em parte¹⁰, pelo operador *ir* + gerúndio. Esta leitura iterativa é reforçada pelo uso do Pretérito Imperfeito. Para além desta função, o Pretérito Imperfeito descreve a situação como tendo como ponto de perspectiva temporal o intervalo de tempo ocupado pela situação anterior e estabelecendo com ele uma relação de sobreposição. No entanto, este tipo de sobreposição é diferente da encontrada nos exemplos anteriores devido precisamente a factores de ordem aspectual. A situação representada pela primeira frase (“atravessar devagar a sua casa”) é um processo culminado, logo manifesta duração – duração esta que, aliás, parece ser lexicalmente reforçada pela presença do advérbio “devagar”. Sendo as situações básicas do segundo argumento de natureza não durativa, já que são culminações, e sendo a situação do primeiro argumento um evento com duração, a relação temporal mais facilmente disponibilizada é a de inclusão. Esta informação, juntamente com o nosso conhecimento do mundo, conduz-nos à inferência da relação retórica de Elaboração.

De notar que a leitura iterativa se mantém nas predicções seguintes, mesmo sem a presença do operador *ir* + gerúndio. Nestes casos, é o Pretérito Imperfeito que facilita uma tal interpretação. As situações “os quartos desapareciam e surgiam do escuro na claridade” são também, na base, culminações. Assumiremos que, nos exemplos em apreço, existe algum tipo de perspectiva aspectual, tal como definida em Cunha (2004), na medida em que, apesar da iteratividade, certas características do perfil aspectual básico das predicções parecem estar, ainda assim, perfeitamente acessíveis. Nesse sentido, observamos que os eventos representados por “os quartos desaparecerem e surgirem do escuro” são localizados nos estados consequentes das culminações “abrir e fechar as portas”. Este tipo de ligação propiciado pelas propriedades aspectuais identificadas juntamente com a relação causal que se estabelece entre os dois argumentos permite identificar a relação retórica de Resultado. Finalmente, na última frase, a leitura de sucessividade temporal é também viabilizada pelo perfil aspectual das situações básicas. Sendo ambas eventos, são tipicamente incluídas no respectivo intervalo de localização e, devido ao seu cariz não durativo, a leitura preferencial será a de posterioridade de e_2 em relação a e_1 . Por isso, a relação obtida é a de Narração. A SDRS 3 representa a estrutura retórica deste segmento textual.

¹⁰ Em parte, dado que há outros factores como o objecto directo plural, a repetição dos verbos, entre outros.



SDRS 3. Representação da estrutura retórica do segmento textual (5).

3. Conclusões

Tendo em conta a análise realizada, podemos agora responder às questões inicialmente colocadas.

Relativamente à primeira questão, verificámos que a análise da estrutura retórica de um texto narrativo envolve o estabelecimento de relações retóricas a pelo menos dois níveis, um nível macro-estrutural e um nível micro-estrutural, na medida em que são identificáveis diferentes blocos/ unidades de sentido. Em termos de relações retóricas, uma das marcas prototípicas do texto narrativo só é visível neste excerto do conto ao nível macro-estrutural, em que predomina a relação de Narração. Ao nível da micro-estrutura, as relações mais frequentes são a de Enquadramento e a de Continuação. A maior incidência de relações que caracterizam tipicamente sequências descritivas¹¹ mostra que, apesar de ser um texto narrativo (cf. relação de Narração ao nível da macro-estrutura), tem um maior pendor descritivo. Na verdade, as breves sequências de Narração parecem servir de pretexto para introduzir as sequências descritivas.

A nível da micro-estrutura, observámos ainda a possibilidade de estabelecer relações retóricas dentro de um mesmo argumento, ou seja, um mesmo

¹¹ Cf. Silva, 2005.

argumento de uma relação retórica pode subdividir-se em mais argumentos constitutivos de mais relações retóricas¹².

A análise realizada revela ainda que em textos narrativos os argumentos das relações retóricas podem ter localização e extensão variadas: podem estar, ou não, adjacentes e podem corresponder sintacticamente a orações, frases simples ou complexas e/ ou a sequências de frases.

No que diz respeito à segunda questão, concluímos que a estrutura temporal interna das predicções constitui uma fonte de informação relevante na computação das relações retóricas. De facto, em última instância, a identificação da relação retórica é determinada pelo perfil aspectual das situações que aparecem nos argumentos. Neste conto, predominam as situações estativas, básicas ou derivadas, o que determina que a relação retórica mais frequente seja a de Enquadramento. Quanto às outras relações retóricas, como a de Narração e a de Elaboração, também o perfil aspectual das situações envolvidas tem um papel determinante, como se pode ver pelo recurso a situações eventivas.

O texto constitui, sem dúvida, um objecto de estudo complexo, na medida em que envolve muitas variáveis que não podem ser independentemente manipuladas e tem diversas dimensões que se interpenetram e interagem dinamicamente. Contudo, uma análise semântica da sua estrutura retórica como aqui foi proposta pode contribuir para uma melhor compreensão fundamentada, não só do funcionamento das diferentes relações retóricas, mas também do próprio texto na sua globalidade e dos recursos linguísticos que lhe estão subjacentes.

Referências

- Asher, N. and Lascarides, A. (2003). *Logics of Conversation*. United States: Cambridge University Press.
- Cunha, L. F. (2004). *Semântica das Predicações Estativas para uma Caracterização Aspectual dos Estados*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- Cunha, L. F. (2006). Iteração, Frequência e Habitualidade: Algumas Reflexões. *Actas del VII Congrès de Lingüística General*. Barcelona: Departament de Lingüística General, Universidade de Barcelona, disponível em CD-Rom.
- Hobbs, J. (1985). *On the Coherence and Structure of Discourse*. Report no CSLI-85-37, Center for the Study of Language and Information.
- Kamp, H. e U. Reyle. (1993). *From Discourse to Logic: Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Kehler, A. (2002). *Coherence, Reference, and the Theory of Grammar*. United States: CSLI Publications.

¹² O esquema 2 ilustra bem esta possibilidade.

- Lopes, A. C. Macário (1997). Para uma Análise Semântica e Pragmática do Pretérito-mais-que-Perfeito do Indicativo em Português Contemporâneo. In Brito, A.; Oliveira, F.; Pires de Lima, I. e Martelo, R. (orgs) *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo de Letras, pp. 657-670.
- Mann, W. and Thompson, S. (1988) Rhetorical Structure Theory: A Theory of Text Organization. *Text* 8. pp. 243-281.
- Miltsakaki Eleni, Prasad Rashmi, Joshi Aravind & Webber Bonnie (2004). The Penn Discourse TreeBank. *Proceedings of the Language Resources and Evaluation Conference*. Lisbon, Portugal.
- Moens, M. and M. Steedman (1988). Temporal Ontology and Temporal Reference. *Computational Linguistics*, volume 14, number 2, pp. 15-28.
- Oliveira, F. (2003). Tempo e Aspecto. In Mateus, M. H., Brito, A., Duarte I. e Faria, I. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho, 5.^a edição, revista e aumentada, cap. 6.
- Oliveira, F. (2004). O Imperfeito e o Tempo dos Indivíduos. In Oliveira, F. e I. M. Duarte (orgs) *Da Língua e do Discurso*. Porto: Campo das Letras, col. Campo da Linguística, pp. 505-528.
- Silva, P. (2005). *O Tempo no Texto*. Dissertação de Doutoramento, Universidade Aberta.
- Silvano, P. (2007). Semantic Analysis of temporal *when*-clauses in European Portuguese. *Proceedings (CD) of Conferência Internacional Lingüística 2007*, Habana: Instituto de Literatura y Lingüística “José Antonio Portuondo Valdor”.
- Silvano, P. (2009). The Rhetorical relations in complex sentences with *quando* in European Portuguese. *Proceedings of the International Conference of Discourse and Grammar*. Ghent (*in press*).
- Silvano, P. e Cunha, L. F. (2009). O Papel das Restrições Aspectuais nas Relações Retóricas: o caso das frases complexas com *quando*. *Textos Seleccionados do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL (no prelo).

Anexo 1

| | |
|----|--|
| 1 | Era complicado. Primeiro deitou os restos de comida no caixote do lixo. Depois passou os pratos e os talheres por água corrente debaixo da torneira. Depois mergulhou-os numa bacia com sabão e água quente e, com um esfregão, limpou tudo muito bem. Depois tornou a aquecer água |
| 5 | e deitou-a no lava-loiças com duas medidas de sonasol e de novo lavou pratos, colheres, garfos e facas. Em seguida passou a loiça e os talheres por água limpa e pô-los a escorrer na banca de pedra. |
| 10 | As suas mãos tinham ficado ásperas, estava cansada de estar em pé e doíam-lhe um pouco as costas. Mas sentia dentro de si uma grande limpeza como se em vez de estar a lavar a loiça estivesse a lavar a sua alma. |
| 15 | A luz sem abat-jour da cozinha fazia brilhar os azulejos brancos. Lá fora, na doce noite de Verão, um cipreste ondulava brandamente. O pão estava no cesto, a roupa na gaveta, os copos no armário. O vaivém, a agitação e o tumulto do dia repousavam. |
| 20 | Havia um grande sossego. Tudo estava arrumado e o dia estava pronto. Joana atravessou devagar a sua casa. Ia abrindo e fechando as portas, abrindo e fechando as luzes. Os quartos desapareciam no escuro e surgiam do escuro na claridade. |
| 25 | Um doce silêncio pairava como uma sede estendida. O silêncio desenhava as paredes, emoldurava os retratos. O silêncio esculpia os volumes, recortava as linhas, aprofundava os espaços. Tudo era plástico e vibrante, denso da própria realidade. O silêncio como um estremecer profundo percorria a casa. |
| 30 | As coisas conhecidas – o muro, a porta, o espelho – mostravam uma por uma a sua beleza e a sua serenidade. E nas janelas abertas a noite de Junho mostrava o seu rosto constelado e suspenso. Joana deu lentamente a volta à sala. Tocou o vidro, a cal, a madeira. Há muito já que cada coisa tinha encontrado ali o seu lugar. E era como se esse lugar, como se a relação entre a mesa, o espelho, a porta, fossem a expressão de uma ordem que ultrapassava a casa. |
| 35 | As coisas pareciam atentas. E a mulher que lavara a louça procurava o centro dessa atenção. Sempre o procurara, mas quem o podia captar? O silêncio era agora maior. Era como uma flor que tivesse desabrochado inteiramente e alimentado todas as suas pétalas. |
| 40 | E em roda deste silêncio os astros da noite exterior giravam lentamente e o seu movimento imperceptível tomava em si a ordem e o silêncio da casa. Com as mãos tocando a parede branca, Joana respirou docemente. Era ali o seu reino, ali na paz da contemplação nocturna. Da ordem e do silêncio do universo erguia-se uma infinita liberdade. Ela respirava essa liberdade que era a lei da sua vida, o alimento do seu ser. |

| | |
|----|---|
| 45 | <p>A paz que a cercava era aberta e transparente. A forma das coisas era uma grafia, uma escrita. Uma escrita que ela não entendia mas reconhecia.</p> |
| | <p>Atravessou a sala e debruçou-se na janela aberta em frente do puro instante azul da noite.</p> |
| 50 | <p>As estrelas brilhavam, íntimas e distantes. E pareceu-lhe que entre ela e a casa e as estrelas fora estabelecida desde sempre uma aliança. Era como se o peso da sua consciência fosse necessário ao equilíbrio das constelações, como se uma intensa unidade atravessasse o universo inteiro.</p> |
| 55 | <p>E ela habitava essa unidade, estava presente e viva na relação das coisas e a própria realidade atenta a abrigava em sua imensa e aguda presença.</p> |
| | <p>No ar, na cal, no vidro, tocava a sua felicidade e essa felicidade era no seu centro unidade.</p> |
| | <p>Debruçou-se na janela e apoiou os braços na pedra fresca do parapeito.</p> |
| 60 | <p>Uma leve brisa agitou os ramos dos cedros. No rio, rouca, apitou uma sereia. Na torre o sino bateu duas badaladas. Foi então que se ouviu o grito. Um grito agudo, desmedido. Um grito que atravessava as paredes, as portas, a sala, os ramos do cedro.</p> |
| | <p>“O Silêncio”, in <i>Histórias da Terra e do Mar</i>, de Sophia de Mello Breyner Andresen</p> |